



**Literatura e escrita autobiográfica como registro de experiências sensíveis: a trajetória de Sioma Breitman**

Literature and Autobiographical Writing as a Record of Sensitive Experiences: the Trajectory of Sioma Breitman

**Christine Fortes Lia\***

Universidade de Caxias do Sul (UCS) | Caxias do Sul, Brasil  
cflia@ucs.br

**Katani Maria Monteiro Ruffato\*\***

Universidade de Caxias do Sul (UCS) | Caxias do Sul, Brasil  
kmmonte@ucs.br

**Resumo:** Este artigo analisa alguns aspectos da autobiografia de Sioma Breitman e sua contribuição para a compreensão do processo de imigração judaica, para o sul do Brasil, no início do século XX. Breitman produziu um registro sensível de sua trajetória como migrante da Ucrânia para o estado do Rio Grande do Sul, explorando diferentes aspectos da experiência de emigrar e as estratégias de adaptação para a permanência em uma nova realidade. Em sua escrita, está presente muitas das sensibilidades judaicas da imigração, parcamente retratadas pela historiografia oficial sobre essa temática. Os estudos migratórios, cada vez mais, se ocupam de fontes de natureza sensível, como a narrativa produzida por Breitman. Assim, por meio de uma escrita de si, busco identificar novas abordagens e interpretações sobre o processo imigratório judaico e seus sujeitos.

**Palavras-chave:** Judeus. Autobiografia. Imigração.

**Abstract:** This study is devoted to the analysis of some aspects of Sioma Breitman's autobiography and her contribution to the understanding of the Jewish immigration process to southern Brazil in the early 20th century. Breitman produced a sensitive record of her trajectory as a migrant from Ukraine to the state of Rio Grande do Sul, exploring different aspects of the emigration experience and the strategies of adaptation to stay in a new reality. In her writings are present many of the Jewish sensibilities of immigration, less portrayed by the official historiography on the subject. Migratory studies, more and more, deal with sources of a sensitive nature, such as the narrative produced by Breitman. Thus, through self-writing, this research seeks to

---

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de História da Universidade de Caxias do Sul.

\*\* Professora do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de História da Universidade de Caxias do Sul.



identify new approaches and interpretations about the Jewish immigration process and its subjects.

**Keywords:** Jews. Autobiography. Immigration.

### **Considerações iniciais**

Os estudos sobre a imigração judaica para o Brasil ainda estão vinculados à documentação da Companhia Colonizadora e aos registros oficiais do Governo Brasileiro.<sup>1</sup> É possível, assim, conhecer a trama de relações políticas e ideológicas que envolveram o processo de chegada e instalação de imigrantes judeus no Brasil, mas são raras as informações sobre a trajetória vivida por estes indivíduos. A “voz” dos da comunidade judaica migrante, ainda, é parcamente ouvida pela historiografia brasileira.

Nas últimas décadas, as pesquisas em imigração no Brasil vêm buscando novos campos de análise,<sup>2</sup> construindo um diálogo com a literatura e a história oral, por exemplo. Desse modo, experiências migratórias que caíam no esquecimento passam a compor a narrativa sobre a história dos judeus no território brasileiro. Questões como as sensibilidades na travessia marítima, o estranhamento a nova localidade, as estratégias de adaptação, entre outras, ganham novas fontes e ampliam a compreensão sobre o tema. Sendo assim:

A imigração tem sido estudada dos pontos de vista demográfico, econômico, político e cultural. Como tem ocorrido em outros temas de investigação, acredito que seja em termos de cultura que tenham ocorrido novas reflexões de um modo mais intenso, para as quais, refletindo o que acontece no campo mais amplo da história cultural, a influência de teorizações das vizinhas ciências humanas, particularmente da antropologia, foram muito importante. As formulações da etnicidade trouxeram ideias fecundas para os estudos tanto da imigração quanto da escravidão.<sup>3</sup>

A literatura, em especial a de testemunho, vem contribuindo significativamente para o entendimento de experiências sociais de determinados grupos.<sup>4</sup> É

---

<sup>1</sup> LESSER, 2001.

<sup>2</sup> WEBER, 2011.

<sup>3</sup> WEBER, 2011, p. 276.

<sup>4</sup> Flávio Limonic chama atenção para o fato de que muitas das experiências judaicas europeias “só existem hoje nos romances”, reiterando a importância da



possível identificar as sensibilidades do cotidiano, os registros de sensações e vivências, por meio do narrador sujeito histórico que vivenciou, direta ou indiretamente, uma experiência histórica.<sup>5</sup>

O conceito de testemunho tornou-se uma peça central na teoria literária nas últimas décadas devido à sua capacidade de responder às novas questões (postas também pelos estudos Pós-coloniais) de se pensar um espaço para a escuta (e leitura) da voz (e escritura) daqueles que antes não tinham direito a ela. Daí também este conceito ter um papel central nos estudos de literaturas de minorias. Pode-se, de resto, estabelecer uma relação de proximidade entre este conceito e o de “minorização”, desenvolvido nos Estudos Culturais.<sup>6</sup>

Muito do que se conhece da sensibilidade da narrativa da imigração judaica para o Brasil se encontra na obra de Moacyr Scliar, na qual estão registrados momentos do cotidiano da comunidade que buscava adaptação à cultura brasileira. Em “A balada do falso messias”, o escritor retrata os medos da travessia no Atlântico, com as hostilidades praticadas pelos grupos judaicos que se identificavam dentro da embarcação.<sup>7</sup> Revela, também, os temores e as superstições vivenciadas no ato de emigrar. Os mesmos anseios que serão vistos em Rosa, personagem de *O centauro no jardim*, que, ao chegar ao Brasil, temia pela presença dos animais selvagens, da natureza hostil e da proximidade com os indígenas, igualmente selvagens.<sup>8</sup>

Scliar também insere o leitor no universo do antissemitismo, da prostituição e dos traumas das moças judias, da diversidade e das perseguições religiosas, das necessidades de vida urbana, entre outros rastros de memória da comunidade, entre outras questões que não são identificadas, explicitamente, na documentação oficial sobre a temática da imigração judaica, mas que são essenciais para compreender a condição de imigrante. Para Christine Fortes Lia:

A literatura de Scliar vem a preencher uma lacuna na compreensão do processo de imigração e migração da comunidade judaica para o Rio Grande do Sul,

---

busca por fontes sensíveis para o estudo da comunidade. Para o autor, o estudo da vida em comunidade depende destas fontes (LIMONCIC, 2005, p. 255).

<sup>5</sup> LIA, INDICATTI, 2017.

<sup>6</sup> SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 1.

<sup>7</sup> SCLiar, 1976.

<sup>8</sup> SCLiar, 1980.



reconstruindo experiências que a documentação oficial do Estado não conseguiu (ou não se interessou) registrar. Essa reconstrução se ergue sobre situações fantásticas, que permitem ao leitor ter a dimensão da angústia, do estranhamento, do medo; porém, o humor traz a constante idéia de esperança, do trágico que pode ser cômico, da comunidade [...] que aprendeu a rir de si mesma e a manter sua identidade rindo de suas adversidades. A ironia, na literatura de Scliar sobre o judaísmo, é uma forma muito hábil de perenizar a situação retratada.<sup>9</sup>

De forma semelhante, a escrita autobiográfica, entendida como narrativa de si que reconstrói o passado a partir do presente, tem contribuído de forma significativa para estudos de diversos campos disciplinares. Configura-se “não apenas como rastros das ações e ideias de seus personagens, mas também a forma pela qual eles construíram a si mesmos”,<sup>10</sup> já que os acontecimentos pretéritos foram selecionados pela memória a partir de uma significação no presente a fim de expressar um sentido para a vida. A narrativa autobiográfica,

não visa reconstruir objetivamente o passado, não vem ‘representar’ algo já pronto e existente, mas impõe sua forma à própria vida. Escrever a própria vida, nesse sentido, supõe um trabalho de construção de sentidos no esforço de entender o que se passou, as rupturas que foram produzidas, as dores e traumas provocados por eventos exteriores que, no entanto, calam fundo no corpo e na alma.<sup>11</sup>

Os relatos autobiográficos, portanto, visam a autorrepresentação num processo de releitura do passado e de reinvenção da subjetividade. Não obstante em sua autobiografia, intitulada “Respingos de rabiscos e revelador”, Sioma Breitman afirma que os fatos narrados “são episódios ora alegre, ora tristes, estranhos e comuns; mas são histórias – não estórias – que vivi e passei”,<sup>12</sup> a leitura desse gênero narrativo impõe ao pesquisador,

entender que o trabalho da memória não recupera as histórias vividas exatamente como ocorreram no passado, mas que são recordadas, selecionadas, construídas com

---

<sup>9</sup> LIA, 2004, p. 257.

<sup>10</sup> GOMES, SCHMIDT, 2009, p. 7.

<sup>11</sup> RAGO, 2018, p. 211.

<sup>12</sup> BREITMAN, 1976, p. 3.



um grau de imaginação, a partir dos interesses, desejos, questões e possibilidades do presente. Em geral, ninguém se lembra de tudo, como Funes, o memorioso, Jorge Luis Borges, mas lembra-se daquilo que importa no presente, esquecendo-se de muitas outras coisas. Afinal, como Nietzsche observa com extrema lucidez, o esquecimento é necessário para a preservação da normalidade psíquica.<sup>13</sup>

Breitman escreveu sua autobiografia “com setenta e poucos anos”, já aposentado e “com tempo disponível”. Ele dedica a escritura de suas memórias aos seus descendentes, principalmente, aos netos, para quem, talvez, afiança, possa ser útil conhecer algo do que passou e viveu. Diante da ampla abrangência das experiências de vida narradas pelo personagem, opta-se por dedicar neste texto àquelas que dizem respeito mais diretamente às situações que envolvem os acontecimentos marcantes, sensíveis, afetos a sua origem judia no processo de fuga da Ucrânia, ainda muito jovem, até sua chegada ao Brasil.

## **1 Breitman e a comunidade judaica no sul do Brasil**

A história da imigração judaica oficial para o Brasil, na primeira década do século XX, está ligada ao papel da ICA e às necessidades imigratórias dos judeus na Europa, em especial, na Rússia. Devido às constantes perseguições sofridas no leste europeu, o Movimento Sionista e a Companhia Colonizadora iniciam o processo de formação de lares nacionais na América.<sup>14</sup> Países como Brasil, Argentina e Estados Unidos receberam imigrantes para a consolidação desse projeto.

Por questões de natureza religiosa, o Rio Grande do Sul, ao sul do território brasileiro, foi identificado como mais adequado para a imigração judaica, já que manifestava o positivismo como ideologia política. No entanto, o estado gaúcho apenas aceitava imigrantes que se dedicasse à agricultura, o que não correspondia aos anseios da ICA. Mesmo assim, a partir de 1904, iniciou-se o processo da fundação das colônias. De acordo com Lia:

Em 1904 foi fundado o núcleo agrícola de Phillippson, na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, com uma área de 5.500 hectares, na qual se estabeleceram 267 pessoas provenientes do território da antiga Bessarábia (atualmente Moldávia). Em 1909, foi fundada a segunda colônia agrícola para imigrantes judeus, a fazenda de

---

<sup>13</sup> RAGO, 2018, p. 212.

<sup>14</sup> Sobre a questão das perseguições na Europa e a formação de lares nacionais, ver: LIMONCIC, 2005; KOIFMAN, 2012; e CARNEIRO, 1995.



Quatro Irmãos, com uma área de 98.850 hectares, ocupando parte do território que atualmente faz parte das cidades de Getúlio Vargas e Erechim, ambas no estado do Rio Grande do Sul. O segundo núcleo agrícola recebeu um contingente de aproximadamente 350 famílias. A fundação dessas colônias e a transferência dos contingentes de imigrantes para o Brasil deve-se à ação da JCA (Jewish Colonization Association) ou ICA (em iídiche, Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft), associação fundada em 1891, por Maurice de Hirsh, o Barão de Hirsh, com o objetivo de promover a formação de núcleos judaicos na América, na tentativa de amenizar os problemas que os mesmos estavam enfrentando, em especial no leste europeu. [...] Outros núcleos, igualmente sem sucesso, ainda foram fundados pela ICA no Rio Grande do Sul: Barão Hirsh, Baronesa Clara e Rio Padre.<sup>15</sup>

As colônias agrícolas ainda suscitam muitas discussões acadêmicas a respeito da temática da imigração judaica.<sup>16</sup> Para alguns autores, as mesmas fracassaram em função da inabilidade dos colonos com o trabalho rural, apesar de muitos imigrantes virem de aldeias vinculadas à agricultura. A maioria dos pesquisadores concorda com a tese de que as práticas da cultura judaica dependiam de um tipo de vida comunitária que só era possível de ser encontrada em centros urbanos. Assim, “em pouco tempo, [...] os colonos acabaram por se transferir para as cidades, notadamente, Porto Alegre, onde estabeleceram-se no bairro Bom Fim, transformando-o em um pequeno *shtetl* em plena capital gaúcha”.<sup>17</sup>

O bairro Bom Fim, em Porto Alegre, tornou-se local de referência da comunidade judaica. A história da localidade costuma estar diretamente relacionada com a ocupação dos imigrantes judeus, de forma a caracterizá-la como um lugar tipicamente judaico, como uma colônia de imigrantes urbanos ou, ainda, como uma espécie de gueto. Construiu-se, dessa forma, uma identidade para o bairro.<sup>18</sup> Nesse caso, não de forma negativa, mas como um lugar de certa privacidade para o estabelecimento das relações de harmonia e solidariedade do grupo.

---

<sup>15</sup> LIA, 2004, p. 125-126.

<sup>16</sup> Sobre essa discussão, ver: LESSER, 1995 e COHEN, 1992.

<sup>17</sup> LIMONCIC, 2005, p. 263.

<sup>18</sup> LIA, 2004.



Os bairros judaicos, nas memórias dos imigrantes no Brasil, costumam ser descritos de forma bastante emotiva. As constantes migrações empreendidas pelo grupo judaico proporcionaram uma ligação bastante afetiva com aquelas localidades nas quais reorganizaram suas vidas e recuperaram a vida social e cultural, da qual por muito tempo ficaram privados. Diante disso, o Bom Fim aparece como “um grande país” para Scliar.<sup>19</sup> Para o escritor, a localidade deveria compor o mapa do mundo judaico.

O Bom Fim corresponde à marca da experiência social de um grupo judaico, não foi o cenário de adaptação e integração dos imigrantes judeus. O bairro, enquanto território da comunidade, inexistia antes do estabelecimento das relações sociais da mesma naquele espaço urbano. As negociações de identidade também se consolidaram neste local, por meio da consolidação da imagem de imigrantes trabalhadores e íntegros, que compunha uma comunidade harmônica, útil e bem sucedida, estratégia muito utilizada pelos imigrantes judeus.<sup>20</sup>

Assim, o grupo que se estabeleceu no referido bairro, os asquenazitas, passou a desempenhar diversas atividades comerciais. Dentre os estabelecimentos comerciais abertos pelos imigrantes judeus no bairro, destaca-se o “Foto Aurora”, inaugurado em 1925, na antiga avenida Bom Fim, atual Oswaldo Aranha, pelo fotógrafo Sioma Breitman e seu pai. O estúdio Foto Aurora, por intermédio do trabalho do, nas palavras de Moysés Eizirik, “saudosos artista-fotógrafo”, ele foi o responsável pelo registro de inúmeras cenas de família e imagens do bairro na época.<sup>21</sup> Era comum, representantes de diferentes famílias de imigrantes judeus pousarem juntos para evidenciar a união entre as mesmas. De igual modo, essas imagens revelavam o sucesso do grupo.

Essas demonstrações de união eram muito importantes para o processo de negociação de identidade da comunidade judaica, revelando o sucesso desses imigrantes e as boas relações estabelecidas em solo gaúcho, o que garantia sua permanência na cidade de Porto Alegre, rompendo com a ideia que marcou a inserção da comunidade judaica no Rio Grande do Sul, a de que financeiramente bem-sucedido voltariam para o país de origem, pois não estabeleciam relações de amizade nos países que os recebiam.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> SCLiar, 1998.

<sup>20</sup> Sobre a ocupação do Bairro Bom Fim, ver: LIA, 2004; sobre as estratégias de negociação de identidade, ver: LESSER, 2001.

<sup>21</sup> EIZIRIK, 1986.

<sup>22</sup> LIA, 2004.



Também pairava, sobre os imigrantes, a ideia de que eram indivíduos de origem suspeita e, por isso, não deixavam registrar suas imagens. O estúdio de Breitman que, muitas vezes, mantinha essas fotos expostas na vitrine do Foto Aurora, foi um instrumento importante de visibilidade da comunidade, pois, por meio dessas imagens, demonstrava fixação e interesse de permanecer na cidade de Porto Alegre, bons relacionamentos, sucesso econômico e constituição de famílias, já que os imigrantes judeus eram considerados degenerados pela Igreja Católica, por não serem cristãos.

A importância de Sioma Breitman para a comunidade judaica é grande e não se limita ao estúdio fotográfico. Além do registro da vida familiar do bairro Bom Fim, em Porto Alegre, ele também fotografou momentos específicos vividos pela cidade, como a enchente de 1941, e por outras localidades do sul do Brasil. Também foi representativo nas questões de natureza política sobre, por exemplo, a valia da permanência de judeus no Brasil. Ele esteve empenhado em consolidar uma imagem positiva para o grupo.

Como foi dito anteriormente, já idoso comprometeu-se em registrar sua experiência, datilografando suas memórias e dando destaque aos momentos mais sensíveis da sua trajetória. Esse texto foi encadernado e recebeu o título, proposto pelo próprio autor, de “Respingos de revelador e rabiscos”, expressão que identifica a vida de fotógrafo e artista do autor. A capa é ilustrada com um autorretrato de Breitman, desenhado em 1919.<sup>23</sup>

Assim, apresenta-se parte da sensível contribuição de Breitman para o conhecimento sobre o processo de imigração judaica para o sul do território brasileiro, por meio do recorte anteriormente indicado.

## **2 Escrever sobre si mesmo: narrativas autobiográficas de Sioma Breitman**

Em 1920, a Ucrânia, território onde vivia a família Breitman, se encontrava em constantes lutas entre facções políticas e minorias étnicas, ambiente gerado com a revolução que tirou do poder central o regime czarista na Rússia, em 1917. Na Ucrânia, que havia declarado independência da Rússia, o momento era de surgimento de diferentes grupos e partidos políticos. Sobre isso, Breitman conta que eram de diferentes matizes e composições, “eles se dividiam em verdes, vermelhos e brancos e, em geral, em grupos de ex-militares e simplesmente grupos de pseudo-políticos”. Os vermelhos eram compostos pelo exército russo

---

<sup>23</sup> A autobiografia de Sioma Breitman foi editada por Irineu Breitman, filho do autor, em junho de 1976, apresenta 166 páginas e encontra-se no acervo particular da família Breitman. Agradecemos à família Breitman, em especial, a Samuel e Miriam Breitman, que permitiu o acesso a autobiografia analisada e tornou possível a realização deste artigo.



que avançavam do norte para a ocupação da Ucrânia. Esses grupos praticavam assaltos aos habitantes de pequenas cidades e vilas e estradas. Naturalmente, lembra Breitman, “as vítimas prediletas eram os judeus, estes em grande maioria habitantes de várias zonas da Ucrânia”.<sup>24</sup>

Diante das dificuldades que o momento político impunha à população, a fuga passou a constituir o horizonte de expectativas de algumas famílias, inclusive a de Breitman, como ele relata:

É fácil compreender as dificuldades que a população toda, porém, principalmente, a judia enfrentava. Quem podia, procurava fugir. A fuga tinha por endereço, principalmente, a Bessarábia. Nossa família, os pais e seus cinco filhos, tendo parentes na Bessarábia, começou a cogitar em fazer o mesmo, supondo regressar após um ano mais tarde, quando as coisas firmassem na Ucrânia.<sup>25</sup>

A família embarcou numa carroça de camponeses, conhecida como “voz”, rumo à cidade de Rashkov, às margens do rio Dnester, fronteira com a Bessarábia. Bessarábia, até 1917, era uma província russa e foi ocupada pela Romênia após a Primeira Guerra Mundial. Deixando a casa, de propriedade da família, Breitman, ao narrar o processo de fuga, permite o acesso às sensações, às sensibilidades, às dores e aos ressentimentos provocados por essa experiência:

Iniciou-se a viagem. Receios não faltavam. O perigo rondava em toda parte. Era uma viagem clandestina. Assim, devagar, atravessamos a nossa cidadezinha; na passagem, em certos lugares, vimos pela última vez, a escola e o ginásio no qual eu e meu irmão mais jovem estudávamos. [...] levamos mais ou menos um dia até chegar em Rashkov. Cidade bem pequena havia, porém, nela, muitos “viajantes” como nós. Com dificuldade conseguimos um alojamento numa casa particular, uma peça para toda a família.<sup>26</sup>

Em Rashkov, tiveram que arranjar trabalho para Sioma, o filho mais velho, e outros dois irmãos menores. Pelo que se depreende de suas palavras, a família viajava com poucos recursos financeiros, e para diminuir as despesas com o

---

<sup>24</sup> BREITMAN, 1976, p. 4.

<sup>25</sup> BREITMAN, 1976, p. 4

<sup>26</sup> BREITMAN, 1976, p. 4-5.



empreendimento da fuga e “evitar furos” no orçamento resolveram tentar uma vaga na colheita de fumo, já que a estada da família na cidade coincidiu com a colheita desse produto. “Candidatos ao trabalho não faltavam”, lembra Breitman, mas tiveram êxito como colhedores de fumo, cuja atividade consistia em “arrancar as folhas, e enfiá-las em agulhas compridas. No fim do trabalho nossas mãos ficavam cobertas de gosma grudenta que a planta soltava no lugar da separação da folha do caule”. Essa atividade foi praticada pelos irmãos durante um mês, até que chegou “a noite misteriosa”, a “data da grande façanha”, o dia que iriam cruzar a fronteira pela parte mais estreita do rio Dnester, em outra cidadezinha.<sup>27</sup>

A travessia deveria ser feita numa noite sem lua, pois assim não corriam o risco de serem vistos “pelos guardas bolcheviques de um lado e romenos de outro”. Ela era constituída por uma “ação bélica”, organizada por “empresários” os quais Breitman classificou como “contrabandista de gente”. Cada grupo de pessoas tinha que aguardar o seu turno e, por isso, permaneceram um mês em Rashkov. Conta que o empreendimento era “difícil, perigoso e rodeado de imprevistos e segredos”. Os contrabandistas, além das muitas precauções, extorquiam dinheiro em todo momento, “justificando com a necessidade de “lubrificar” guardar e contratantes de barqueiros”.<sup>28</sup>

A “noite misteriosa” qua habitara o imaginário de Breitman foi “cheia de perigos e completo silêncio” de todos:

Usavam-se canoas pequenas e rasas, basta dizer que eu vinha ajoelhado e segurando as mãos nas bordas. Sentia nos dedos as águas do rio. A escuridão era completa, não se vislumbrava nem os companheiros da “nave”. Os remos eram movidos sem fazer o mínimo ruído em contato com a água. Felizmente, depois de mais ou menos meia hora, chegamos à outra margem (romena), sempre sem ruído e sem falar. Os guardas não estavam no lugar, subornados e não ignorando a hora da “operação” retiravam-se para mais longe.<sup>29</sup>

Na cidade de Orhei, já distante do rio, moravam os parentes dos Breitman. Lá, ficaram alguns meses e, segundo Sioma, tiveram um aprendizado razoável da língua romena, o que facilitou a vida em Kishinau, capital da Bessarábia, de onde chegaram durante a primavera de 1921. As primeiras medidas da família

---

<sup>27</sup> BREITMAN, 1976, p. 4-5.

<sup>28</sup> BREITMAN, 1976, p. 5.

<sup>29</sup> BREITMAN, 1976, p. 6.



foram conseguir um lugar para morar e trabalho. Quando chegaram a Kishinau se aproximava a Páscoa judia e a produção dos “Mazot”, pão ázimo usado pelos judeus na semana de celebração, conseguiram, Breitman e seu irmão, trabalho como carregadores de cestas de “matza” dos compradores. A tarefa foi compensadora e com o dinheiro recebido conseguiram comprar “roupas de homem”, já que, segundo Breitman, até então, usavam “uniformes colegiais”. Entretanto, após a Páscoa, o problema do “ganha pão” continuava.<sup>30</sup>

As redes de solidariedade étnica foram importantes em diversos momentos para que a família pudesse amenizar as dificuldades materiais. Fotógrafo, foi a partir do comitê judaico de auxílio aos refugiados que o pai de Breitman conseguiu um trabalho para fotografar todos os refugiados, “e que não eram poucos”, para constituir um registro completo das “dezenas de milhares” de imigrantes. A distribuição de serviços para os refugiados seguia normas e previa que cada um obtivesse trabalho “de acordo com a idade e a situação familiar”. Todo o aparato funcionava como uma espécie de rodízio. Breitman conseguiu um emprego de auxiliar de pedreiro, mas, seguindo tais regras, ficou, novamente, “no ar”, como se refere à situação de desempregado.<sup>31</sup>

Mas como os pais julgavam que tinha “inclinação para o desenho”, Breitman procurou um atelier de fotografia no qual pode iniciar o aprendizado em retoque de negativos, o que, na época, conforme conta, era um setor muito importante no métier fotográfico. Ao ser aceito por um profissional, ele iniciou a atividade e, em pouco tempo, progrediu a ponto de, em menos de um ano, receber um salário compensador. Parece ter iniciado aí a formação que o levou a ser reconhecido, tempos depois, como um importante fotógrafo da vida social no Rio Grande do Sul, sobretudo de Porto Alegre.<sup>32</sup>

O ano de 1922 ficou marcado por um novo momento de tensão. De acordo com Breitman, a situação na Romênia estava bastante difícil econômica e socialmente e, para os refugiados, agravou-se ainda mais com a “intenção do governo de obrigar os refugiados a abandonar o país dentro de seis meses”. Novamente, o comitê judaico funcionou como apoio para os que decidissem mudar de país. Com menos de 18 anos, Breitman “sonhava conhecer o mundo e fugir às perspectivas, cada vez mais difíceis”. Seu plano era ir para longe da Romênia e mais tarde ir a família toda. “Mas, para onde ir? Como superar as barreiras burocráticas com tão pouco recurso?”<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> BREITMAN, 1976, p. 7.

<sup>31</sup> BREITMAN, 1976, p. 7.

<sup>32</sup> BREITMAN, 1976, p. 7.

<sup>33</sup> BREITMAN, 1976, p. 7.



Breitman acionou o comitê, que sugeriu que para não gerar despesas com passaporte individual, concordaria em ser incluído como mais um membro de uma família, esta constituída de uma viúva com seis filhos “todos desconhecidos entre si”, que seguiria para a Argentina. O grupo de imigrantes embarcou, em dezembro de 1922, rumo à cidade de Buenos Aires, capital que, segundo Breitman, era bastante divulgada na Europa e entre os refugiados. Comum a vários processos de imigração, os viajantes ficavam em “entrepósitos” aguardando o embarque e passavam por verificação de seu estado de saúde e higiene.<sup>34</sup>

A viagem durou 31 dias, a alimentação no navio, uma embarcação da Companhia Francesa, era péssima, “ao ponto de que os viajantes foram forçados a fazer greve de fome, para conseguir melhorá-la”. Ao chegar a Buenos Aires, “depois das formalidades aduaneiras cada um era livre de ir para onde queria”. Havia um “Hotel dos Imigrantes” para os que “não tinham possibilidades e recursos de alojar-se na casa de parentes ou num hotel”. Já era tarde da noite para que Breitman pudesse ir à procura de um parente de seu pai, que o aguardava. Aceitou pernoitar no hotel e, na manhã seguinte, pegou sua maleta e foi ao encontro de seu “rico” parente que alugava parte da moradia de uma senhora de idade avançada, onde residia junto à esposa e dois filhos.<sup>35</sup>

Em Buenos Aires, Breitman logo percebeu que precisava com urgência arranjar trabalho, pois as condições financeiras de seu parente eram precárias. Sua experiência como retocador de negativos garantiu-lhe que iniciasse um teste num atelier. Obtendo sucesso e com um salário que lhe permitiria pagar a pensão ao parente, imediatamente, escreveu a sua família, informando sobre seu progresso e pedindo informações sobre a data que seguiriam para a Argentina. A notícia que recebeu foi bastante desagradável “pelo fato de meu pai ser um inválido (sem a perna direita), não lhes foi concedido o visto para poder seguir até Buenos Aires. Com grandes dificuldades, conseguiram autorização de seguir até o Brasil”.<sup>36</sup>

A família rumou a Porto Alegre, onde, depois de cartas trocadas com Breitman que relatavam a saúde abalada de sua mãe, passaram a conviver novamente. Em Porto Alegre, ele e seu pai abriram um ateliê fotográfico, o “Foto Aurora”, na avenida Osvaldo Aranha, no bairro Bom Fim. Na capital, iniciaram a participação na vida social frequentando a Liga Social Israelita, onde Breitman

---

<sup>34</sup> BREITMAN, 1976, p. 7-8.

<sup>35</sup> BREITMAN, 1976, p. 8-9.

<sup>36</sup> BREITMAN, 1976, p. 8-9.



passou a frequentar a biblioteca, lugar em que, em meados de 1927, conheceu uma moça a qual mais tarde se tornaria sua esposa.<sup>37</sup>

A autobiografia de Breitman continua com a narrativa de sua vida no bairro da capital gaúcha, bem como, suas viagens por diferentes regiões do Brasil. Sempre destacando as experiências de ser imigrante judeu e as formas de promover a identidade do grupo.

### **Considerações finais**

Por meio da sua autobiografia, Breitman construiu um registro educativo para as gerações futuras, que necessitam conhecer a trajetória de seus ancestrais. Breitman deixa evidente que está escrevendo história, que nada é ficção, que está construindo um documento importante para seus descendentes e sua comunidade, uma vez que partilha do entendimento de que o judaísmo se afirma por meio do compartilhamento de uma história comum.<sup>38</sup>

Os processos migratórios concretizam relações familiares, comunitárias, de grupo e de história comum, uma vez que as experiências deixam de ser individuais e passam a ser coletivas. A pressão para deixar a localidade de nascimento e a ideia de transitar pelo mundo possibilita a constituição de um novo tipo de consciência: a de um registro pessoal passa a compor a história de toda uma comunidade. Dessa forma, as migrações criam consciências biográficas e autobiográficas.

A autobiografia de Sioma Breitman permite, assim, a análise da trajetória sensível de um imigrante judeu e de toda a comunidade que compartilhou da mesma experiência. Os medos, as expectativas, as incertezas e as esperanças do migrar estão registrados em suas memórias. O estudo dessa narrativa sensível constitui uma importante abordagem para o conhecimento sobre a história dos judeus no Brasil. A história dos abusos e preconceitos vividos por esses sujeitos percorre muitos momentos de sua escrita autobiográfica.

Para ilustrar um fato dessa natureza ocorrido quando Breitman já estava estabelecido no Brasil, encerra-se com a seguinte história: em 1968, numa viagem com um grupo de gaúchos à Foz do Iguaçu, ele e sua esposa convivem durante alguns dias, com vários casais, os quais, mesmo com idades diferentes, “tornaram-se amigos”. Acompanhado sempre de suas máquinas fotográficas, ele fotografou os companheiros de viagem. Numa tarde, enquanto descansavam em frente ao hotel num grupo de vinte casais, Breitman relata “o preconceito que veio à tona”:

---

<sup>37</sup> BREITMAN, 1976, p. 9-12.

<sup>38</sup> GUINSBURG, 1970.



Achava-se sentado um jovem casal de São Paulo, a senhora de uns trinta anos. A conversa girava em torno do passeio e da beleza dos lugares e vistas que apreciamos e desfrutamos. Num certo momento a mencionada senhora, dirigindo-se a mim fez a seguinte pergunta: “Senhor Sioma, de que origem o senhor é?” “Sou judeu de nascença, nasci na Ucrânia, agora sou, desde 1945, cidadão brasileiro” – respondi, à curiosidade da minha interlocutora. “Eu poderia esperar que o senhor fosse tudo, até vigarista, menos judeu” – com grande admiração e, até com espanto, manifestou-se ela. Sorri – nesse momento a atenção de todos presentes voltou para o inesperado rumo de nossa conversação. Sorri, e sem qualquer atitude inamistosa e sem qualquer sentimento de inferioridade, falei-lhe: “Minha prezada senhora, peço desculpas pela decepção que lhe causei por descobrir que o judeu não é portador de “chifres, rabo e patas”. Nós judeus há muito tempo estamos acostumados a “conhecimentos” que outros têm a nosso respeito. A senhora é fruto da educação recebida desde a tenra idade, provavelmente pelos familiares e os orientadores das coisas desse mundo de Deus. [...] Existem hoje inúmeros livros em português, nas livrarias, naturalmente em São Paulo, onde a senhora reside. Estes livros lhe contarão muita coisa sobre os “malditos e excomungados judeus”. Como por exemplo, a participação dos mesmos no surgimento deste país, desde a descoberta da terra de Santa Cruz”.<sup>39</sup>

A intenção explícita de transmitir, às gerações futuras, as experiências vividas por meio das lembranças das histórias que viveu, conforme Breitman anuncia em seu prefácio, ilumina “um modo de ajudar a pensar e a problematizar o presente. Portanto, uma necessidade pessoal e coletiva”.<sup>40</sup>

## Referências

BREITMAN, Sioma. *Respingos de revelador e rabiscos*. Porto Alegre: Irineu Breitman, 1976.

---

<sup>39</sup> BREITMAN, 1976, p.77-78.

<sup>40</sup> RAGO, 2018, p. 213.



CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-Semitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

COHEN, Vera R. de Aquino. A imigração judaica no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J., GONZAGA, S. (Org.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 67-90.

EIZIRIK Moysés. *Imigrantes judeus: relatos, crônicas e perfis*. Porto Alegre: ESTEF, Caxias do Sul, EDUCS, 1986.

GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *Memórias e narrativas (auto) biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

GUINSBURG, Jacó. *O judeu e a modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

KOIFMAN, Fábio. *O imigrante ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

LIA, Cristine Fortes. *Bons cidadãos: a comunidade judaica do Rio Grande do Sul durante o Estado Novo (1937-1945)*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004.

LIA, Cristine Fortes; INDICATTI, Kelen Katlen Staehler. Sobre Esther, Guedali, Raquel, Rosa, Leão e Débora: a literatura de Moacyr Scliar e a transmissão do Judaísmo no Brasil. *Revista del Cesla*. Varsóvia, n. 20, p. 193-208, 2017.

LIMONCIC, Flávio. Um mundo em movimento: a imigração asquenaze nas primeiras décadas do século XX. In: GRINBERG, Keila (Org.). *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RAGO, Margareth. Autobiografia, gênero e escrita de si: Nos bastidores da pesquisa. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 205-222.

SCLIAR, Moacyr. *A balada do falso Messias*. São Paulo: Ática, 1976.

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SCLIAR, Moacyr. Memórias judaicas. In: SLAVUTZKY, Abrão (Org.). *A paixão de ser: depoimentos e ensaios sobre a identidade judaica*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.



WEBER, Regina. Estudos étnicos no Rio Grande do Sul: análise historiográfica. In: HERÉDIA, Vânia B. M.; RADÜNZ, Roberto (Org.). *História e imigração*. Caxias do Sul: EDUCS, 2011. p. 269-283.

-----

Recebido em: 29/01/2019.

Aprovado em: 12/02/2019.